

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ELÃINE DOS SANTOS DA SILVA
JAUANE EDUARDA INOCENCIO DE ARAUJO

A PEDAGOGIA HOSPITALAR NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS DA UFAL

Maceió

2025

ELÃINE DOS SANTOS DA SILVA
JAUANE EDUARDA INOCENCIO DE ARAUJO

A PEDAGOGIA HOSPITALAR NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS DA UFAL

Artigo científico apresentado ao Colegiado do Curso de
Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal
de Alagoas como requisito parcial para obtenção de nota
final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Orientadora: Prof^a. Dra. Mônica Patrícia da Silva Sales

Maceió
2025

ELÃINE DOS SANTOS DA SILVA
JAUANE EDUARDA INOCENCIO DE ARAUJO

A PEDAGOGIA HOSPITALAR NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS DA UFAL

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 26.11.2025

Orientador/a: Profa Dra Mônica Patrícia da Silva Sales (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **MONICA PATRICIA DA SILVA**
Data: 05/12/2025 09:50:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa Dra Mônica Patrícia da Silva Sales (CEDU/UFAL)

Presidente

Documento assinado digitalmente
 **DEISE JULIANA FRANCISCO**
Data: 04/12/2025 13:48:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa Dra Deise Juliana Francisco (CEDU/UFAL)

2º. Membro

Documento assinado digitalmente
 **JANAYNA PAULA LIMA DE SOUZA LIRA**
Data: 26/11/2025 17:18:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Janayna Paula Lima de Souza Lira (CEDU/UFAL))

3º. Membro

A PEDAGOGIA HOSPITALAR NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS DA UFAL

Elaine dos Santos da Silva
elaimelimasantospdga@gmail.com

Jauane Eduarda Inocencio de Araujo
jauane.araujo@cedu.ufal.br

Mônica Patrícia da Silva Sales
monica.sales@cedu.ufal.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as produções acadêmicas da Universidade Federal de Alagoas que discutam sobre a Pedagogia Hospitalar, com o intuito de identificar como a temática está sendo discutida no âmbito da instituição. Fundamenta-se nas contribuições de Matos e Mugiatti (2012), que compreendem a Pedagogia Hospitalar como prática educativa voltada à garantia do direito à educação de crianças e adolescentes hospitalizados. A metodologia escolhida foi a abordagem qualitativa, utilizando como método a pesquisa bibliográfica e a análise temática. Foram selecionados e analisados onze trabalhos disponíveis no Repositório Institucional da UFAL publicados na última década (2014-2024). Os resultados apontam que apesar dos avanços, ainda há um volume pequeno de produções sobre a temática na universidade. As análises revelam que a Pedagogia Hospitalar requer práticas pedagógicas humanizadas e flexíveis e uma maior visibilidade em políticas públicas que reconheçam e garantam os direitos das crianças e adolescentes hospitalizados, visto que essa área de atuação do pedagogo é permeada por diversos desafios de ordem estrutural, política e pedagógica.

PALAVRAS- CHAVES: Pedagogia. Classe hospitalar. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This article aims to analyze the academic productions of the Federal University of Alagoas that discuss Hospital Pedagogy, in order to identify how the theme is being discussed within the institution. It is based on the contributions of Matos and Mugiatti (2012), who understand Hospital Pedagogy as an educational practice aimed at guaranteeing the right to education of hospitalized children and adolescents. The methodology chosen was the qualitative approach, using bibliographic research and thematic analysis as a method. Eleven works available in the UFAL Institutional Repository published in the last decade (2014-2024) were selected and analyzed. The results indicate that despite the advances, there is still a small volume of productions on the subject at the university. The analyses reveal that Hospital Pedagogy requires humanized and flexible pedagogical practices and greater visibility in public policies that recognize and guarantee the rights of hospitalized children and adolescents, since this area of the pedagogue's work is permeated by various structural, political and pedagogical challenges.

KEYWORDS: Pedagogy. Hospital class. Pedagogical practices.

1 INTRODUÇÃO

A internação hospitalar é um período angustiante e em muitos casos traumático, tanto para pessoa hospitalizada quanto para seus familiares. Para as crianças e adolescentes, esse tempo de hospitalização pode ser ainda mais difícil, uma vez que são fases cruciais do processo de desenvolvimento cognitivo, emocional e social, bem como para a construção da identidade e da personalidade.

O afastamento do convívio familiar, da rotina, dos amigos e principalmente da escola tende a provocar sentimentos de medo, angústia, dor, incerteza, insegurança, solidão e sérios problemas de socialização. A ruptura da etapa escolar pode ocasionar danos irreversíveis no processo de aprendizagem e de socialização, considerando que o período da escolarização é uma fase em que os alunos estão em pleno desenvolvimento das potencialidades, da capacidade de comunicação e interessados em aprender e vivenciar experiências educacionais significativas (Matos; Mugiatti, 2012).

Garantir que as crianças e adolescentes tenham acesso à educação durante a internação, assegurando a continuidade de seu processo de ensino e aprendizagem, diminui os riscos de reprovação ou abandono dos estudos. Isso é possível através da Pedagogia Hospitalar, um serviço da modalidade da Educação Especial que visa garantir que os estudantes hospitalizados deem seguimento aos estudos durante o período em que estão em tratamento de saúde hospitalar ou domiciliar, além de ser um dos campos de atuação do pedagogo.

Apesar de ser um campo de atuação do pedagogo, do ponto de vista da formação, observamos que no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) o tema é abordado de maneira introdutória e em poucas disciplinas, visto que não há no Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia (2006) nenhuma disciplina obrigatória ou eletiva que discuta a pedagogia hospitalar. Diante dessa lacuna, essa pesquisa buscou responder o seguinte questionamento: como a temática da Pedagogia Hospitalar tem sido abordada nas produções acadêmicas da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)?

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as produções acadêmicas da Universidade Federal de Alagoas que abordam sobre a Pedagogia Hospitalar. Especificamente, buscou-se a) mapear as produções acadêmicas sobre Pedagogia Hospitalar disponíveis no repositório da UFAL; b) analisar as principais contribuições e lacunas dessas produções sobre a pedagogia hospitalar.

O interesse pela temática surgiu a partir de nossas vivências durante o componente curricular ACE 4- Atividade Curricular de Extensão 4, onde desenvolvemos algumas atividades

com as crianças em idade escolar internadas no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes-HUPAA. Durante a realização das atividades, podemos perceber a importância do atendimento educacional hospitalar, mas observamos que as crianças no período em que ficavam no hospital não tinham acesso a esse atendimento, pois não havia nenhum pedagogo atuando na instituição. Além disso, constatamos que os responsáveis não conheciam os direitos educacionais de seus filhos, direitos esses assegurados pela Legislação brasileira.

Compreendendo a importância da pedagogia hospitalar na vida das crianças e adolescentes em tratamento de saúde, reconhecendo que esse serviço ainda é desconhecido ou até mesmo desvalorizado nos ambientes hospitalares, e ainda é pouco discutido no meio acadêmico, este trabalho busca contribuir de forma significativa para a ampliação da discussão sobre a Pedagogia Hospitalar no meio acadêmico e na formação docente, dando uma maior visibilidade a essa área de atuação do pedagogo.

2 PEDAGOGIA HOSPITALAR

A Pedagogia Hospitalar é uma área do conhecimento que oferece práticas, metodologias e alternativas de ensino-aprendizagem para crianças e adolescentes que se encontram hospitalizadas, garantindo o direito à educação e à saúde, reconhecendo esses sujeitos como cidadãos de direitos e deveres.

Para Matos e Mugiatti (2012, p. 37) esse serviço é “um processo alternativo de educação continuada que ultrapassa o contexto formal da escola, pois levanta parâmetros para o atendimento de necessidades especiais transitórias do educando em ambiente hospitalar e/ou domiciliar”. Dessa forma, tem como principal finalidade assegurar o atendimento pedagógico educacional às crianças e adolescentes cujas condições clínicas inviabilizam sua frequência à escola de ensino regular.

O Ministério da Educação (Brasil, 2002) denomina o atendimento pedagógico educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde como Classe Hospitalar. Segundo o Plano Nacional de Educação Especial, a classe hospitalar é o “ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados que necessitam de educação especial e que estejam em tratamento de saúde” (Brasil, 1994 p.20). De acordo com Silva, Cruz e Almeida (2021, p.5)

A Classe Hospitalar foi criada com o objetivo de assegurar às crianças e aos adolescentes hospitalizados a continuidade dos conteúdos regulares de ensino, possibilitando um retorno à escola após a alta, sem prejuízos à sua formação escolar e buscando assim

recuperar a socialização do aluno por um processo de inclusão, dando continuidade à sua aprendizagem.

Assim, sua principal função é oferecer às crianças e adolescentes impossibilitados de frequentar o ensino regular o acompanhamento pedagógico. Por meio de práticas educativas especializadas e situações de ensino que possibilitam o desenvolvimento social e cognitivo desses sujeitos, minimizando as perdas ocasionadas pelo afastamento escolar.

Historicamente, a primeira classe hospitalar surgiu em Paris, em 1935, ano em que Henri Sellier inaugurou uma escola voltada para crianças com enfermidades que as impediam de frequentar as unidades de ensino. Com o aumento dos casos de tuberculose, surgiram outras classes hospitalares que buscavam suprir as necessidades escolares dessas crianças e adolescentes, principalmente na Alemanha, nos Estados Unidos e na Europa. No entanto, foi durante a Segunda Guerra Mundial que esse atendimento se expandiu, devido ao grande número de crianças e adolescentes feridos, que ficaram impossibilitados de frequentar a escola (Esteves, 2008).

No Brasil, segundo Fonseca (1999), a primeira Classe Hospitalar foi implantada em 1950, no Hospital Municipal Jesus, no Rio de Janeiro. Contudo, naquele período, os alunos em tratamento de saúde, que necessitavam dar continuidade aos seus estudos, enfrentavam diversas dificuldades de ordem estrutural e pedagógica. Isso resultava em reprovação, evasão escolar ou aprovação sem os conhecimentos necessários para a série seguinte, comprometendo seriamente o processo educacional. (Silva; Cruz; Almeida, 2021).

Considerando os danos causados pela hospitalização na vida das crianças e adolescentes, principalmente no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, o atendimento educacional hospitalar é um serviço fundamental para o desenvolvimento das crianças e adolescentes que devido suas condições clínicas não podem frequentar a escola de ensino regular, contribuindo tanto para o processo de aprendizagem tanto para recuperação da saúde.

2.1 Legislação

A Pedagogia Hospitalar, como um atendimento educacional que visa garantir o direito à educação de crianças e adolescentes em tratamento de saúde, está amparada por leis, normas, diretrizes e resoluções vigentes no país. Entre os principais instrumentos legais que asseguram esse direito, destaca-se a Constituição Federal de 1988, que, em seu artigo 205, garante que a educação é um direito de todos, sendo dever do Estado e da família em colaboração com a

sociedade garantir sua obrigatoriedade, gratuidade e qualidade (Brasil, 1988). Nesse sentido, compreende-se que as crianças e adolescentes que estão em tratamento de saúde devem ter acesso a esse direito, mesmo durante o período em que estão impossibilitados de frequentar a escola.

Anos depois, com a publicação da Política Nacional de Educação Especial, em 1994, houve um avanço significativo no reconhecimento das necessidades educacionais de crianças e adolescentes em diferentes contextos, para além dos espaços escolares tradicionais. Por meio dessa política, as classes hospitalares bem como o atendimento pedagógico domiciliar passaram a ser considerados no atendimento educacional especializado, assegurando a continuidade do processo de aprendizagem, em situações adversas.

No mesmo ano, a Declaração de Salamanca (Unesco, 1994) consolidou-se como marco internacional na defesa do direito à Educação Inclusiva. O documento afirma que “toda criança tem direito fundamental à educação e deve atingir e manter o nível adequado de aprendizagem”, reforçando que os sistemas educacionais devem ser organizados de modo a atender à diversidade de aprendizagem e necessidade de todos os alunos. Ao reconhecer que a educação deve alcançar todas as crianças independente de suas condições físicas, emocionais, sociais ou de saúde, a Declaração amplia o conceito de inclusão, abarcando também aquelas em situação de hospitalização.

Em 1995, foi publicada a Resolução nº 41 do CONANDA (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente), que dispõe sobre os Direitos das Crianças e Adolescentes Hospitalizados. Essa resolução estabelece que, durante o período em que estão hospitalizados, as crianças e adolescentes têm o “direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar” (Brasil, 1995, p. 1).

Outro importante marco legal foi a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, que defende em seu Art. 58º § 2 que “o atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular” (Brasil, 1996, p. 35).

No ano de 2001, o Conselho Nacional da Educação instituiu as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, na qual atribuiu caráter obrigatório à Classe Hospitalar, estabelecendo em um de seus artigos que, cabe aos sistemas de ensino realizarem uma ação conjunta com o sistema de saúde para organizar o atendimento educacional especializado aos alunos impossibilitados de frequentar aulas, por questões de saúde. Além

disso, essa diretriz reforça que o atendimento realizado deve ser uma extensão do processo de aprendizagem, de modo que atenda às demandas e necessidades dos alunos hospitalizados, contribuindo de forma significativa no retorno à rotina escolar.

Art.13 §1 As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular. (Brasil, 2001, p. 3).

No ano seguinte, 2002, o Ministério da Educação (MEC) publicou o documento *Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações*, com o objetivo de orientar e aprimorar o atendimento pedagógico hospitalar no Brasil. O documento destaca a importância de garantir aos alunos da educação básica o direito à educação enquanto estão em tratamento de saúde hospitalar ou domiciliar. Para isso, apresenta estratégias, objetivos e princípios que devem nortear a atuação dos profissionais envolvidos, além de detalhar as formas de organização e funcionamento administrativo e pedagógico da Classe Hospitalar e do Atendimento Pedagógico Domiciliar.

O documento mencionado ressalta que é de responsabilidade das Secretarias de Educação atender às demandas dos hospitais no que concerne ao atendimento pedagógico e domiciliar, também é de sua competência realizar contratações e capacitações dos professores, além de oferecer recursos financeiros e materiais para o atendimento (Brasil, 2002).

Outro avanço importante foi a aprovação da Lei nº 13.716/2018, que reformulou a LDB, incluindo o Art. 4º-A, que assegura o atendimento educacional aos alunos da educação básica em tratamento de saúde prolongado em regime domiciliar ou hospitalar. Reivindicando em forma de lei que a União, os Estados e os Municípios ofereçam o serviço e criem políticas públicas que garantam o acesso à educação a crianças e adolescentes em tratamento de saúde.

Embora a legislação brasileira reconheça que é direito das crianças e adolescentes em tratamento de saúde receber o atendimento pedagógico especializado no período em que estão hospitalizadas, ao realizar um mapeamento acerca do número de classes hospitalares presentes em território nacional, Silva A. (2019) constatou que seis estados brasileiros não oferecem esse serviço em seus hospitais. Entre os estados estão, Amazonas, Rondônia, Amapá, Piauí, Paraíba e Alagoas, além disso o autor revela que até o ano de 2019 existiam apenas 178 classes hospitalares no Brasil, número consideravelmente pequeno se pensarmos na quantidade de

hospitais existentes no país. Esses dados apontam que apesar dos avanços legais, ainda há um longo caminho a ser percorrido para que esse serviço seja efetivado em todo território nacional, garantindo assim que todos os estudantes hospitalizados tenham seus direitos educacionais assegurados.

2.2 O pedagogo hospitalar: formação e atuação

A atuação do pedagogo não se restringe apenas ao ambiente escolar, sua atuação ocorre em diferentes espaços que permeiam a sociedade. Um desses espaços são as classes hospitalares, nas quais o pedagogo atua atendendo alunos que estão temporariamente afastados da escola, devido às suas condições de saúde.

Para atuar nas classes hospitalares, o pedagogo necessita ter “formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas” (Brasil, 2002, p. 22). No entanto, além da formação inicial, os pedagogos que desejam trabalhar no ambiente hospitalar precisam buscar formação continuada especializada, através da qual possam desenvolver competências e habilidades para lidar com as adversidades do ambiente e das condições de trabalho. Além disso, o profissional docente deve estar ciente que o trabalho pedagógico realizado na classe hospitalar não é igual a de uma sala de aula de ensino regular. De acordo com Lins e Aguiar (2017, p.9) as práticas pedagógicas nesse ambiente devem

[...] evitar uma atuação educacional padronizada que se reduz à aplicação de métodos escolarizados, e passa a considerar as especificidades presentes em seus alunos e o ambiente em que se encontram, como fator fundamental pela busca da inovação e constante qualificação pedagógica

Dessa forma, o trabalho pedagógico desenvolvido nos hospitais não deve simplesmente reproduzir os métodos e estratégias da sala de aula regular. Cabe ao pedagogo propor procedimentos didático-pedagógicos e práticas alternativas ao processo ensino-aprendizagem. Também é de sua responsabilidade identificar as necessidades educacionais dos alunos, definir e implantar estratégias de flexibilização curricular, bem como “adequar e adaptar o ambiente às atividades e os materiais, planejar o dia-a-dia da turma, registrar e avaliar o trabalho pedagógico desenvolvido” (Brasil, 2002, p.22).

Além dessas atribuições, o pedagogo deve ter disponibilidade para trabalhar em equipe, atuando em parceria com os profissionais envolvidos no contexto hospitalar, com a escola em

que o aluno está matriculado e com os pais e responsáveis, formando assim uma equipe de caráter multi/inter/transdisciplinar.

Segundo Matos e Mugiatti (2012), o ambiente hospitalar demanda um atendimento educacional fundamentado nessa perspectiva integrada. Para as autoras, a multidisciplinaridade corresponde aos saberes referentes ao ambiente hospitalar, a interdisciplinaridade se configura na inter-relação e integração dos profissionais inseridos no contexto hospitalar e a transdisciplinaridade vai além da ciência, dos aspectos físicos e biológicos, diz respeito aos olhares revestidos de “valores e humanização, como afeto, envolvimento, doação, magia, entre outros atributos que permeiam este espaço vital” (Matos; Mugiatti, 2012, p. 30).

A atuação integrada entre os profissionais da saúde e da educação é essencial para o desenvolvimento integral e a humanização no processo de cuidado do sujeito hospitalizado. Tanto os profissionais da saúde como os da educação devem priorizar o bem-estar e o processo de recuperação das crianças e adolescentes, sem que haja interferência na realização do trabalho de ambos.

Nesse mesmo sentido, é fundamental que o pedagogo mantenha o contato com a escola em que o aluno está matriculado, visto que o contato com a escola de origem é essencial para a obtenção de informações educacionais sobre o estudante. Ao manter o vínculo com a escola, o processo de escolarização se torna mais eficaz, e o retorno à vida escolar do aluno ocorre de maneira menos complicada, considerando que ele estará dando continuidade aos conteúdos referentes a sua turma.

É por meio dessa comunicação com a equipe médica e com escola que o pedagogo consegue identificar elementos fundamentais para a elaboração de um plano pedagógico coerente com a realidade do aluno. Segundo Matos e Mugiatti (2012, p. 73) “o conhecimento da realidade da criança/adolescente hospitalizado e as medidas preventivas que se façam necessárias são, portanto, pontos determinantes, também, do ato pedagógico que vai se delinear a partir destes aspectos”. Desta forma, as atividades devem ser planejadas de acordo com a necessidade e condição clínica de cada criança ou adolescentes, respeitando seu ritmo e tempo.

Torna-se fundamental que as atividades proporcionem momentos de bem-estar, interação e aquisição de novos conhecimentos, possibilitando que as crianças e adolescentes fiquem menos ociosos e se desconectem, ainda que temporariamente, do ambiente em que se encontram. Dessa forma, as intervenções pedagógicas devem considerar os interesses e necessidades dos alunos, bem como estimular e instigar suas potencialidades, sem se afastar dos conteúdos escolares, garantindo que o processo de aprendizagem continue favorecendo o

retorno à escola de ensino regular assim que as condições de saúde permitirem (Brasil, 2020). Corroborando com essa ideia Gomes (2022, p.23) destaca que

O trabalho educacional realizado no ambiente hospitalar deve ser estruturado e possui uma intencionalidade, um objetivo a ser conquistado e orientado pelas normatizações dos sistemas de ensino no qual a criança está vinculada, dando a possibilidade de continuidade nos processos formativos do sujeito.

No entanto, as atividades pedagógicas além de se relacionarem com os conteúdos escolares, devem também envolver a ludicidade. No ambiente hospitalar, o lúdico é considerado uma estratégia terapêutica que incentiva a continuidade do desenvolvimento e contribui para o restabelecimento físico e emocional, tornando a internação menos impactante. Assim, desempenha um papel crucial na recuperação dos pacientes, ao promover momentos de aprendizado e socialização.

Tinée e Ataíde (2012, p.13) defendem que

As atividades da Classe Hospitalar devem seguir uma ordem que vá além da prática educacional da escola regular, precisa haver momentos de aprendizagem acompanhados de momentos lúdicos e recreativos que ajudem as crianças a alcançar o desenvolvimento acadêmico, bem como de seu estado de saúde.

Assim, o uso de metodologias lúdicas e adaptativas, como jogos, leitura, artes, dramatização e outras estratégias que tornam o aprendizado mais dinâmico e adequado ao ambiente hospitalar são fundamentais para o processo educativo.

Além disso, o atendimento pedagógico hospitalar não se limita aos aspectos educacionais, envolve também as dimensões sociais, físicas e emocionais das crianças e adolescentes. Logo, a atuação do pedagogo deve ser baseada em uma prática humanizada, através de uma relação dialógica e afetiva, isso é possível através da escuta pedagógica.

Segundo Fontes (2005, p.124)

A escuta pedagógica diferencia-se das demais escutas realizadas pelo serviço social ou pela psicologia no hospital, ao trazer a marca da construção do conhecimento sobre aquele espaço, aquela rotina, as informações médicas ou aquela doença, de forma lúdica e, ao mesmo tempo, didática. Na realidade, não é uma escuta sem eco. É uma escuta da qual brota o diálogo, que é a base de toda a educação.

Nos momentos de escuta às crianças e adolescentes manifestam seus desejos, angústias, sentimentos e interesses, possibilitando que o pedagogo identifique o que eles gostam, o que

não gostam, como se sentem e quais suas necessidades. Para que assim possa elaborar propostas pedagógicas que envolvam os alunos, promovendo uma educação mais humanizada, que valorize não apenas o aspecto cognitivo, mas também o social e o emocional dos alunos. Assim, o exercício da escuta no ambiente hospitalar é fundamental para o resgate da autoestima e para o bem-estar dos alunos, pois eles percebem que, mesmo durante o período de hospitalização, seus conhecimentos, vontades e anseios são valorizados. No entanto, implementar essa escuta demanda do pedagogo não só habilidades comunicativas, mas também um preparo emocional e a sensibilidade de se colocar no lugar do outro, para compreender o que o aluno está passando naquele momento.

Diante do exposto, pode se considerar que o pedagogo desempenha um papel fundamental na educação de crianças e adolescentes hospitalizados, contribuindo para o seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Sua atuação representa um elo entre os alunos hospitalizados e o processo de escolarização, bem como a garantia do direito à educação. Sua prática pedagógica é pautada na flexibilidade e na sensibilidade, ultrapassando assim os limites da simples transmissão de conteúdos, assumindo, portanto, um papel transformador ao considerar as dimensões sociais, cognitivas e emocionais dos alunos.

3 METODOLOGIA

Com base no objetivo da pesquisa optou-se por uma abordagem qualitativa de investigação. Segundo Alves e Aquino (2012), a pesquisa qualitativa busca compreender, interpretar e explicar os fenômenos sociais que não podem ser quantificados, utilizando um conjunto de técnicas interpretativas. Nessa perspectiva, o pesquisador participa ativamente da produção do conhecimento, procurando entender os fenômenos a partir dos significados atribuídos e das intenções dos sujeitos sociais envolvidos.

Conforme destaca Minayo (2007, p.21) a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Isso significa que essa abordagem considera todo contexto social, econômico e cultural em que o fenômeno social está inserido, aspectos esses fundamentais para uma interpretação aprofundada do objeto de estudo.

Este trabalho também está fundamentado na pesquisa bibliográfica ao se debruçar sobre as produções acadêmicas que abordam a temática da Pedagogia Hospitalar. Para Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base na leitura, interpretação e análise de obras já

publicadas sobre o tema em estudo. Porém, isso não significa que se deve repetir o que já foi escrito, mas sim apontar novos enfoques e conclusões inovadoras.

Considerando o objetivo desta pesquisa que é analisar as produções acadêmicas sobre pedagogia hospitalar no âmbito da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), utilizamos como fonte de coletas de dados o Repositório Institucional da UFAL (RIUFAL). Os dados foram coletados no período de 11 a 15 de setembro de 2025.

Para o levantamento das produções, utilizamos os descritores: pedagogia hospitalar e classe hospitalar. Dos quais foram encontrados 30 resultados para “Pedagogia Hospitalar “, sendo eles: 14 dissertações, 1 tese, 1 memorial acadêmico e 14 trabalhos de conclusão de curso. Ao utilizar o descritor “classe hospitalar”, foram encontrados 80 resultados sendo eles: 66 dissertações, 11 trabalhos de conclusão de curso e 2 memoriais acadêmicos. Dentre esses resultados, 17 apareciam em ambas as buscas, sendo assim ao total foram encontradas 93 produções. Contudo, apesar de algumas produções aparecerem como resultado, não necessariamente o objeto de estudo das produções se relaciona com a temática desta pesquisa.

Após realizarmos uma leitura atenciosa dos títulos e dos resumos, buscando identificar quais trabalhos dialogavam com a temática da pedagogia hospitalar. Foram selecionados 11 trabalhos para análise. A seleção dos trabalhos foi baseada nos seguintes critérios de inclusão: produções acadêmicas publicadas na última década (2014–2024) que abordassem aspectos pedagógicos e educacionais relacionados à pedagogia hospitalar. Foram excluídas produções que não tratavam especificamente sobre a pedagogia hospitalar ou classe hospitalar, trabalhos fora do recorte temporal definido, bem como produções da área da saúde que não abordavam aspectos pedagógicos.

A partir desses critérios os trabalhos selecionados foram os seguintes:

Tabela 1- Produções acadêmicas sobre pedagogia hospitalar, publicada no RIUFAL (2014-2024)

Título	Autor/ano de publicação	Natureza da pesquisa	Metodologia
Pedagogia hospitalar: o que dizem os periódicos de maior circulação da área da educação?	SOUZA, 2018	TCC	Pesquisa bibliográfica
Pedagogia hospitalar: o desafio do pedagogo no ambiente hospitalar	OLIVEIRA; FERREIRA, 2019	TCC	Pesquisa bibliográfica e documental
A classe hospitalar em território nacional: uma cartografia contemporânea	SILVA, A, 2019	TCC	Pesquisa bibliográfica

Concepções e práticas pedagógicas em classe hospitalar	SILVA, S. 2019	TCC	Estudo de caso
Aprendizagem significativa na pedagogia hospitalar: uma concepção ampliada de aula	SILVA; FIGUEIREIDO, 2020	TCC	Relato de experiência
O ensino de matemática na classe hospitalar com crianças em tratamento oncológico em Alagoas	PORANGABA, SANTOS, 2020	TCC	Relato de experiência
Classes hospitalares em Maceió: entre legislação e a invisibilidade educacional de crianças e adolescentes internados para tratamento de saúde.	LIMA, 2021	Dissertação	Pesquisa documental
Pedagogia hospitalar: garantindo o direito educacional aos estudantes enfermos	SANTOS, 2022	TCC	Pesquisa bibliográfica
Pedagogia hospitalar: conhecendo o campo de atuação do/a pedagogo/a	SILVA; SOUZA, 2023	TCC	Revisão sistemática da literatura
Pedagogia hospitalar o pedagogo e seus métodos educacionais em espaços não escolares	COSTA, 2023	TCC	Pesquisa bibliográfica
Pedagogia hospitalar: relato de experiência narrada e vivida no projeto de extensão “Crescer, HUPAA/UFAL”	TENÓRIO, 2024	TCC	Pesquisa qualitativa descritiva.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025

Os trabalhos selecionados foram lidos e organizados em categorias a partir da análise temática. Segundo Rosa e Mackedanz (2021), a análise temática é uma ferramenta de pesquisa flexível que possibilita uma descrição detalhada sobre um tema em um determinado conjunto de dados, buscando identificar, analisar e relatar as ideias e conceitos centrais nos textos. Esse método permite que o pesquisador identifique e explore os principais temas presentes um determinado conjunto de dados sobre o objeto de estudo.

4 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS

Com a análise das 11 produções, foi possível identificar duas categorias temáticas, a saber: 1. Práticas pedagógicas desenvolvidas em contexto hospitalar, voltadas a identificar as estratégias e atividades educativas aplicadas; 2. Desafios da pedagogia hospitalar, que evidenciaram as dificuldades que permeiam esse campo de atuação do pedagogo. A escolha dessas categorias fundamenta-se na necessidade de organizar e interpretar os dados de forma sistemática, permitindo compreender os aspectos essenciais da Pedagogia Hospitalar. A análise

foi realizada por meio da leitura detalhada de cada trabalho, seguida da codificação das informações e do agrupamento segundo cada categoria, possibilitando uma interpretação crítica.

4.1 Práticas pedagógicas desenvolvidas em contexto hospitalar

Essa categoria emergiu a partir da recorrência da temática nas produções acadêmicas analisadas, revelando que as práticas pedagógicas desenvolvidas no ambiente hospitalar articulam a aprendizagem e o cuidado emocional. Nesta categoria encontram-se as produções de SOUZA (2018), SILVA, A. (2019), PORANGABA e SANTOS (2020), SILVA e FIGUEIREDO (2020), SILVA e SOUZA (2023) e COSTA (2023).

De acordo com Souza e Silva (2023), as práticas pedagógicas hospitalares possibilitam que crianças e adolescentes que estão temporariamente afastados da escola possam acompanhar os conteúdos escolares, diminuindo assim sua chance de reprovação e/ou evasão. Os autores ressaltam que essas práticas se enquadram como educação formal fora do ambiente escolar, mas que possuem estruturação e sistematização assim como as desenvolvidas na escola. No entanto, apresentam algumas características diferentes, nas quais se destacam o planejamento, as atividades desenvolvidas, os métodos e estratégias utilizado o contexto e as necessidades e condições clínicas dos alunos.

Para que as práticas se tornem efetivas, é necessário desenvolver um planejamento claro e com objetivos bem definidos. Silva e Figueiredo (2020) apontam que ele deve ser realizado em parceria com a equipe médica, já que o pedagogo precisa estar ciente das condições clínicas dos alunos, para que assim possa realizar atividades que considerem as necessidades individuais. As autoras também ressaltam que é fundamental que, antes do planejamento, o pedagogo realize uma avaliação inicial, com o objetivo de descobrir o que os alunos sabem, seus níveis de aprendizagem, suas limitações e demandas educacionais.

A partir das informações coletadas, o pedagogo elabora um planejamento que atenda às demandas de cada criança, considerando as condições físicas e emocionais do aluno, respeitando seu ritmo e tempo de aprendizagem. Ainda sobre o planejamento, as pesquisadoras enfatizam que ele deve ser individualizado, uma vez que no ambiente hospitalar as turmas normalmente são multisseriadas, compostas por alunos de diferentes séries e idades, e com demandas educacionais distintas, reforçando assim a necessidade do planejamento individual.

Entretanto, isso não significa que todas as propostas devam ser realizadas de forma individual, dependendo do quadro clínico dos alunos o pedagogo pode realizar propostas

coletivas, visando proporcionar a esses alunos momentos de socialização com seus pares. Esses momentos coletivos são importantes para que as crianças e adolescentes se sintam acolhidos, e que percebam que mesmo que estejam passando por um período adverso, elas ainda fazem parte da sociedade e da comunidade escolar.

Outra característica do planejamento é que ele deve ser flexível, de acordo com Matos e Mugiatti (2012, p.49), “as respectivas ações pedagógicas, portanto, devem ser flexíveis e vigilantes num contexto cotidiano, atendendo às modificações do quadro clínico, de acordo com o momento no tratamento hospitalar”. Portanto, a flexibilização é um pilar fundamental no planejamento, exigindo do pedagogo atenção às condições clínicas dos alunos, seus interesses e os imprevistos que podem ocorrer durante as atividades.

Essa necessidade de flexibilização é exemplificada por Silva e Figueiredo (2020, p. 11) que, ao relatarem sua vivência com o desenvolvimento de atividades pedagógicas no ambiente hospitalar, revelam que

Em uma das idas ao hospital, uma criança nos pediu para pintar utilizando o pincel e tintas guaches, para ajudá-lo pegamos copo descartável com água para que após a utilização de uma cor, o mesmo lavasse o pincel e fosse para a próxima cor, assim aconteceu. Depois de misturar algumas cores na água ele percebeu, que a água havia ganhado uma nova cor, a pintura no papel passou a ser o segundo plano, e a fonte do interesse da criança era fazer a experimentações das cores a fim de descobrir o novo. Certamente esta atividade não estava prevista em nosso planejamento, mas nós não poderíamos perder a oportunidade de mediar o experimento da criança, que proporciona para ela uma aprendizagem significativa, o qual dificilmente ela esquecerá.

Além do planejamento, é importante saber quais atividades devem ser realizadas no ambiente hospitalar. Souza (2018) destaca que há divergências entre os autores da área sobre essa questão, alguns defendem que as atividades devem dar sequência aos conteúdos do currículo escolar e que as crianças em idade escolar, mesmo que estejam no espaço hospitalar, podem continuar com as atividades escolares. Em contrapartida, há pesquisadores que discordam dessa concepção, alegando que a obrigatoriedade da continuação do currículo escolar não contribui para a aprendizagem da criança, defendendo que as atividades lúdicas nesse contexto são mais viáveis e significativas.

Dessa forma, o que vai delimitar como e quais atividades serão realizadas são os objetivos do pedagogo e as necessidades das crianças e adolescentes. No entanto, o ideal é que haja equilíbrio entre os conteúdos escolares e as atividades lúdicas. Como afirmam Silva e Andrade (2013, p.64), “às práticas educativas desenvolvidas no hospital se efetivam a partir de

ações que articulam o brincar e o aprender, mediante situações que instigam o desejo, a motivação, o interesse, a autoestima, a atenção, a inteligência e a criatividade”.

A articulação entre o brincar e o aprender, é evidenciada na pesquisa de Silva e Figueiredo (2020) que ao relatarem suas experiências em um projeto de extensão realizado em um hospital privado na cidade de Maceió, revelam que as atividades desenvolvidas se basearam nos conteúdos curriculares correspondentes aos anos em que as crianças estavam matriculadas, partindo sempre de atividades lúdicas. No entanto, as autoras ressaltam que o lúdico era utilizado como ponto de partida, não como finalidade principal das intervenções pedagógicas. Assim, consideram que

(...) é necessário pensar em um atendimento para além de ações recreativas, que mesmo sendo oferecido a partir da ludicidade, não deve se basear apenas no brincar, mas em um atendimento educacional especializado com base no currículo proposto para cada atendido. (Silva; Figueiredo, 2020, p.10)

Ou seja, nas propostas educativas deve haver a articulação entre os conteúdos escolares e as atividades lúdicas, proporcionando às crianças e adolescentes momentos de socialização e aquisição de novos conhecimentos, possibilitando assim que os alunos fiquem menos ociosos. Pois, quando há ênfase exclusiva no currículo, pode gerar sobrecarga nos alunos hospitalizados, já quando o foco é dado apenas nas atividades lúdicas, o processo de escolarização pode ser desconsiderado, o que prejudica o retorno à rotina escolar.

Para Silva A. (2019), no ambiente hospitalar, as atividades lúdicas são importantes, pois elas minimizam o sofrimento psíquico das crianças e adolescentes, e atuam como estratégia terapêutica, auxiliando no restabelecimento físico, emocional e educacional. Além disso, torna a internação menos impactante, desempenhando um papel crucial na recuperação dos pacientes, ao promover momentos de aprendizado e socialização.

Seguindo essa mesma concepção, Costa (2023) destaca que as práticas pedagógicas que envolvem a ludicidade surgem também como uma forma de explorar o lado emocional da criança, criando uma relação de confiança entre o pedagogo e o aluno, além de facilitar a adaptação ao ambiente, motivando sua recuperação. Assim, o lúdico se consolida como um recurso fundamental que articula cuidado, acolhimento e aprendizagem.

Além das atividades lúdicas e dos conteúdos curriculares, Silva, A. (2019) defende que trazer propostas que abordem temáticas relacionadas ao desenvolvimento da criança, noções de higiene, hábitos saudáveis de alimentação, ou trabalhar com datas comemorativas é uma

possibilidade didática que contribui para a redução do estresse provocado pelo ambiente hospitalar.

No que se refere aos métodos utilizados nas propostas pedagógicas, os autores, mencionam atividades lúdicas como pinturas, dramatização, brincadeiras, musicalização e jogos educativos. Já os recursos Porangaba e Santos (2020), destacam que é indicado o uso de materiais concretos, como lousa, alfabeto ou número móvel, tablets etc. Ao relatarem suas experiências com o atendimento pedagógico no ambiente hospitalar, as autoras ressaltam que o uso de folhas ou atividades impressas não é um recurso indicado, pois a maioria das crianças possui o acesso para tomar medicação na mão, o que dificulta o uso de determinados recursos. As autoras enfatizam ainda que os recursos tecnológicos digitais surgem como uma potência didática que estimula ainda mais a participação das crianças e adolescentes na realização das atividades.

Para Costa (2023), a inclusão das tecnologias digitais nas práticas pedagógicas hospitalares configura-se como uma estratégia significativa tanto para as crianças e adolescentes quanto para os pedagogos. Uma vez que elas se constituem como recursos importantes para a informação, comunicação, socialização e aprendizagem, tornando o ensino mais satisfatório e o trabalho do pedagogo mais eficaz. A utilização de tablets, celulares, computadores e televisores como ferramentas pedagógicas faz com que os alunos se interessem ainda mais pelas atividades e que cada vez mais queiram realizá-las de forma espontânea.

Além disso, a tecnologia atua como meio de distração e entretenimento no contexto hospitalar, proporcionando diversos benefícios como a otimização do tempo, melhora nas relações socioafetivas e o avanço da aprendizagem. No entanto, vale ressaltar que inseri-las no contexto hospitalar não depende apenas da iniciativa do pedagogo, mas envolve uma série de fatores que acaba dificultando sua implementação, como a falta de capacitação dos profissionais, a falta de apoio do governo, a ausência de suporte técnico e manutenção das ferramentas (Costa, 2023).

Contudo, como destaca Souza e Silva (2023), mesmo que a prática pedagógica em hospitais seja essencial, ainda existe uma lacuna quanto à sua valorização, compreensão ou até mesmo implementação, seja por falta de políticas públicas ou por falta de conhecimento da sociedade como um todo acerca de que esse serviço é um direito assegurado por lei. Sendo necessário que haja a criação de políticas públicas que visem garantir que as práticas pedagógicas sejam desenvolvidas nos hospitais, bem como ações que evidenciem e deem maior notoriedade a essas práticas para que a sociedade tenha o conhecimento de sua importância para as crianças e adolescentes hospitalizados.

Dessa forma, a partir das produções analisadas observou-se que práticas pedagógicas hospitalares contribuem para a continuidade dos estudos durante a hospitalização, reduzindo os impactos educacionais e emocionais causados pela internação hospitalar. Assim, o trabalho pedagógico não deve simplesmente reproduzir os métodos e estratégias da sala de aula tradicional, mas sim possibilitar a articulação entre saúde e educação, visando não apenas a aprendizagem, mas também a recuperação da saúde física e psíquica da criança ou adolescente, por meio de práticas educativas e lúdicas.

4.4 Os desafios da Pedagogia Hospitalar

Essa categoria emergiu a partir da recorrência da temática nas produções acadêmicas analisadas, nela encontram-se os textos de OLIVEIRA e FERREIRA (2019), SILVA, S. (2019), LIMA (2021), SANTOS (2022) e TENÓRIO (2024), os quais discutem, sob diferentes perspectivas, os principais desafios enfrentados pela Pedagogia Hospitalar no contexto brasileiro e alagoano.

Em sua dissertação, Lima (2021) fundamenta-se em autores como Santos (1995; 2000), Fonseca (1999), Mantoan (2003) e Matos e Mugiatti (2009), destacando que a inexistência de classes hospitalares em Maceió revela uma contradição entre o que está previsto na legislação e o que se efetiva na prática. Essa ausência de políticas públicas concretas é apontada como um dos grandes entraves à efetivação do direito à educação em ambientes hospitalares.

O trabalho de Santos (2022), por sua vez, ampara-se em Libâneo (2006), Macedo (2008) e Oliveira (2007) para refletir sobre as lacunas na formação docente e na estrutura institucional necessária ao desenvolvimento da pedagogia hospitalar. A autora evidencia que muitos profissionais ainda não possuem preparo para atuar com estudantes em situação de adoecimento, o que compromete o acompanhamento pedagógico e o processo de aprendizagem desses sujeitos.

Já Oliveira e Ferreira (2019) abordam a Pedagogia Hospitalar como um campo interdisciplinar, exigindo diálogo entre educação e saúde. Os autores enfatizam que o pedagogo hospitalar enfrenta o desafio de adaptar o currículo às condições clínicas e emocionais dos pacientes, sem perder de vista a dimensão humana e afetiva do ensino.

De forma semelhante, o estudo de Tenório (2024), baseado em autores como Fonseca (1999), Matos e Mugiatti (2006) e Freitas (2005), reforça que o maior desafio do pedagogo hospitalar é atuar com sensibilidade, ludicidade e humanização, promovendo um ambiente

educativo que contribua para o bem-estar emocional e o desenvolvimento cognitivo dos educandos hospitalizados.

A Pedagogia Hospitalar, embora represente um avanço significativo no campo educacional por garantir os direitos de crianças e adolescentes temporariamente afastados da vida escolar, ainda enfrenta diversos desafios em sua efetivação. Um dos principais é a falta de espaço adequado para o desenvolvimento das atividades pedagógicas dentro dos hospitais. De acordo com o documento *Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e Orientações* (BRASIL, 2002), é necessário que exista uma sala com mobiliário apropriado, pia, instalações sanitárias adaptadas e um espaço ao ar livre adequado para a realização das atividades educativas.

Contudo, essa infraestrutura está ausente na maioria dos hospitais que possuem ala pediátrica no país. Diante dessas limitações, os pedagogos recorrem a outros ambientes, como a brinquedoteca ou o próprio leito, para realizar o atendimento educacional. Embora a brinquedoteca cumpra uma função importante ao proporcionar momentos de lazer e socialização, Santos (2022) destaca que ela não é o espaço ideal para o ensino formal, pois tende a dispersar os alunos e associar o momento pedagógico à brincadeira. A ausência de um local específico, portanto, representa uma negação do direito educacional das crianças hospitalizadas, sendo imprescindível que os hospitais contem com salas adaptadas e adequadas para o desenvolvimento das práticas pedagógicas.

Além das limitações estruturais, a Pedagogia Hospitalar enfrenta desafios de ordem política, relacionados ao não cumprimento das leis e à falta de reconhecimento desse serviço educativo nas políticas públicas. Tenório (2024) aponta que, apesar dos avanços legais, ainda há pouca iniciativa governamental para consolidar políticas públicas que garantam o atendimento educacional hospitalar, o que resulta na invisibilidade e desvalorização desse campo de atuação.

A ausência de informação sobre os direitos educacionais das crianças e adolescentes hospitalizados, surge como um desafio, pois os responsáveis acabam apresentando resistência em autorizar seus filhos a participarem das atividades pedagógicas. Pois muitos entendem que dar continuidade aos estudos durante a hospitalização não é uma prioridade, o que dificulta a realização do trabalho do pedagogo e leva as crianças, adolescentes e seus pais a não perceberem a importância do processo educativo nesse contexto.

No que se refere aos desafios pedagógicos, Santos (2022) e Souza e Silva (2023) observam que a carência de formação específica para atuação em ambiente hospitalar é um dos principais entraves. A ausência de disciplinas e práticas formativas voltadas à pedagogia

hospitalar nos cursos de licenciatura faz com que muitos profissionais aprendam a lidar com a realidade hospitalar apenas durante a prática, enfrentando dificuldades de adaptação ao ambiente, à rotina e à relação com as equipes de saúde.

Além disso, Silva (2019), Tenório (2024) e Santos (2022) destacam a dificuldade em lidar com o luto, já que o pedagogo hospitalar convive diretamente com situações de dor e perda. Como afirma Matos (2010, p. 49), “no hospital se trabalha diariamente na luta entre a vida e a morte”, exigindo do pedagogo preparo emocional para enfrentar a morte de um aluno e as angústias presentes nesse contexto.

Em uma entrevista concedida a Silva (2019), uma pedagoga que atua na classe hospitalar, ao ser questionada sobre os maiores desafios relatou

É o psicológico, porque na escola regular a gente cansa fisicamente e aqui é mentalmente, a gente lida com luto, com crianças deficientes. Porque se eu deparo por exemplo com uma criança que tirou os olhos e se eu não consigo olhar pra ela, então não dá para eu trabalhar aqui né. Então se você não tem estrutura para ver essas coisas, você não consegue. (PEDAGOGA APARECIDA DA CLASSE HOSPITALAR) (Silva, 2019, p.24)

O relato da pedagoga mostra que o trabalho pedagógico no ambiente hospitalar não se limita às competências didáticas, mas também envolve os aspectos emocionais e psicológicos, visto que o contato com o sofrimento e a morte é frequente nesse contexto, fazendo parte do cotidiano. Assim, os pedagogos precisam estar capacitados para lidar com os inúmeros desafios que permeiam a prática da pedagogia hospitalar.

Em síntese, os principais desafios da Pedagogia Hospitalar identificados nas pesquisas analisadas são: a falta de estrutura física, a ausência de formação específica dos profissionais, a escassez de políticas públicas efetivas, o desconhecimento da área e as exigências emocionais e psicológicas do ambiente hospitalar. Esses fatores revelam que, apesar dos avanços legais e teóricos, ainda há um longo caminho a ser percorrido para a plena efetivação do direito à educação em contextos hospitalares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo analisar, no âmbito da UFAL, produções acadêmicas que abordam o tema Pedagogia Hospitalar, procurando visualizar de que forma tem sido discutida dentro da universidade. Com isso, foi usada uma abordagem qualitativa, com base na

pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo, explorando onde produções acadêmicas publicadas entre 2014 e 2024 no repositório Institucional da UFAL.

Com base na pesquisa, os resultados apontaram que, mesmo que os números de estudos sobre pedagogia hospitalar venham aumentando a produção ainda está limitada, o que revela a necessidade de ampliação do debate sobre esse tema no ambiente acadêmico e nos cursos de formação docente. A análise das produções permitiu apontar duas categorias principais: as práticas pedagógicas desenvolvidas em contexto hospitalar e os desafios enfrentados pela pedagogia hospitalar.

Na primeira categoria foi observado que as práticas pedagógicas hospitalares se caracterizam pela flexibilidade, humanização, sensibilidade, associando o cuidado e a aprendizagem. Essas práticas, além de garantir a continuidade dos estudos das crianças e adolescentes hospitalizados, busca também promover seu bem-estar social e emocional, reafirmando a educação como direito de todos, conforme assegura a Constituição Federal de (1988) e a declaração de Salamanca (1994). Na segunda categoria, que refere-se aos desafios, destacam-se falta de estrutura física adequada para as atividades pedagógicas serem executadas, falta formação específica e continuada para os profissionais e falta de políticas públicas que sejam voltadas para à efetivação desses direitos.

Os desafios são agravados pelas demandas emocionais e psicológicas inerentes ao contexto hospitalar, como a convivência o adoecimento, o luto e o sofrimento, que exige do pedagogo um olhar mais sensível e um preparo emocional. Além disso, a pesquisa indicou que a pedagogia hospitalar requer uma atuação interdisciplinar entre a educação e a saúde, compreendendo que o processo educativo em sua dimensão humana, afetiva e integral. Nesse processo, o pedagogo hospitalar assume uma função social de cuidado, afeto e promoção à aprendizagem em qualquer circunstância da vida.

Assim, conclui-se que a Pedagogia Hospitalar obteve grande avanço nas políticas públicas educacionais brasileiras, ao garantir o direito educacional de crianças e adolescentes internados, que outrora ficaram impedidos de frequentar a escola. Ainda assim, para que esse direito seja totalmente efetivado, torna-se imprescindível investir em políticas públicas específicas na formação da infraestrutura hospitalar e na conscientização social da importância desse ramo da pedagogia.

Diante disso, é desejável que essa pesquisa, além de contribuir para ampliação do conhecimento acerca da Pedagogia Hospitalar como promotora de garantia ao direito à educação de crianças e adolescentes hospitalizados, que ela traga inspirações e reflexões para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. C.; AQUINO, M. A. A. A pesquisa qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do ppgci/ufpb - 2008 a 2012. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 22, n. esp, p. 255-271, 2012. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/96292>. Acesso em: 09 set. 2025

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília, DF. Ministério da Educação e do Desporto. SEESP, 1994.

BRASIL. **Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995**. Brasília, DF. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, 1995.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Resolução n. 2, de 11 de setembro de 2001, institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: CNE/CEB, 2001

BRASIL. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

BRASIL. **Lei nº 13.716, de 24 de setembro de 2018**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para assegurar atendimento educacional ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado. Brasília, DF, 2018.

Brasil. **Ministério da Educação**. Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação. PNEE: Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida/ Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação – Brasília; MEC. SEMESP. 2020.124p

COSTA, Taise Silva. **Pedagogia hospitalar: o pedagogo e seus métodos educacionais em espaços não escolares**, 51 f. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), Unidade Delmiro Gouveia, Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2024 Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/15073>. Acesso em 11 set. 2025

ESTEVES, Claudia R. **Pedagogia hospitalar: um breve histórico**, publicado em 2008. Disponível em: <https://www.pedagogiaaopedaletra.com/wp-content/uploads/2013/06/HIST%C3%93RICO-DA-PEDAGOGIA-HOSPITALAR.pdf>.

FONSECA, Eneida Simões da. A situação brasileira do atendimento educacional hospitalar, **Revista Educação e Pesquisa**, v.1, p. 117-129. Jan/Jun 1999.

FONTES, Rejane de S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital, **Revista Brasileira de Educação**. Maio /Jun /Jul /Ago 2005

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**, São Paulo: Atlas, 2002

GOMES, Thais Mota. **Pedagogia hospitalar**: a prática pedagógica no espaço acolher da fundação santa casa de misericórdia do Pará. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2022. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br/server/api/core/bitstreams/51343b0a-cbf9-4f8c-87a9-25bd44f78a20/content>. Acesso em: 28 ago.2025

LIMA, Renata Souza de. **Classes hospitalares em Maceió**: entre a legislação e a invisibilidade educacional de crianças e adolescentes internados para tratamento de saúde. 2022. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) - Centro de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/8592>. Acesso em: 11 set. 2025

LINS, V.F. AGUIAR, M.C.C. **A prática pedagógica no âmbito hospitalar em um hospital na cidade do**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pernambuco. 2017. Disponível em: <https://ead.ufpe.br/documents/39399/2404040/LINS%3B+AGUIAR+-+2017.1.pdf/0358bef2-c5ff-4982-b466-4d056e0fe7f7>. Acesso em: 30 ago. 2025

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

MATOS, Elizete Lúcia Moreira. **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. 2a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MEC. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001**. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília, DF. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, 2001

MINAYO, M.C.S. O desafio da pesquisa social. In:; MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Jefferson Onofre de; FERREIRA, Larissa dos Santos. **Pedagogia hospitalar: o desafio do pedagogo no ambiente hospitalar**. 2020. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Centro de Educação, Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/6980>. Acesso em: 12 set. 2025.

PORANGABA, Laura Regina Bezerra. SANTOS, Williane da Silva. **O ensino de matemática na classe hospitalar com crianças em tratamento oncológico em Alagoas**. 2022. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Centro de Educação, Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/8414>. Acesso em: 13 set. 2025.

ROSA, L.S; MACKEDANZ, L.F. Análise Temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em Ciências. **Revista Atos de Pesquisa em Educação** / Blumenau, v.16,e8574, 2021. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8574>. Acesso em: 15 dez.2025

SANTOS, Maria Cícera dos. **Pedagogia hospitalar**: garantindo o direito educacional aos estudantes enfermos. 2022. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Unidade Delmiro Gouveia - Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2022. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/9571>. Acesso em: 13 set. 2025.

SILVA, Andréia Lúcia Semião da; SOUZA, José Alvani Soares de. **Pedagogia hospitalar**: conhecendo o campo de atuação do/a pedagogo/a. 78 f. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Unidade Delmiro Gouveia - Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2024. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/15035>. Acesso em: 12 set. 2025.

SILVA, Allan Kelisson Veríssimo da. **A classe hospitalar em território nacional**: uma cartografia contemporânea. 2019. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Centro de Educação, Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5474>. Acesso em: 14 set. 2025.

SILVA, Iris Ferreira da, FIGUEIREDO, Jaciane da Guia. **Aprendizagem significativa na pedagogia hospitalar: uma concepção ampliada de aula**. 2021. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Centro de Educação, Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/8224>. Acesso em: 15 set. 2025.

SILVA, Milene Bartolomei; CRUZ, Aline Santa; ALMEIDA, Ordália Alves. Desafios para a prática docente no ambiente hospitalar: formação inicial em contexto. **Ensino Em Re-Vista** | Uberlândia, MG, v.28. P. 1-24, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/60034>. Acesso em: 29 ago. 2025.

SILVA, Neilton; ANDRADE, Elane Silva. **Pedagogia hospitalar**: fundamentos e práticas de humanização e cuidado. Cruz das Almas/BA : UFRB, 2013. Disponível em: <https://ri.ufrb.edu.br/jspui/handle/123456789/877> . Acesso em: 10 out. 2025.

SILVA, Samylle Ribeiro Pereira da. **Concepções e práticas pedagógicas em classe hospitalar**. 2020. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Centro de Educação, Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/6903>. Acesso em 12 set, 2025.

SOUZA, Maria Eduarda Silva. **Pedagogia hospitalar**: o que dizem os periódicos de maior circulação da área da educação?. 2019. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Unidade Delmiro Gouveia - Campus do Sertão, Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/4827>. Acesso em: 14 set. 2025.

TENÓRIO, Manuela Herculano. **Pedagogia hospitalar**: relato de experiência narrada e vivida no projeto de extensão “Crescer, HUPAA/UFAL”. 2025. 17 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024. Disponível em:

<http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/16358>. Acesso em 15 set. 2025.

TINÉE, C. A.; ATAIDE, S. P. **A atuação do pedagogo em Classes Hospitalares**.

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em:

<https://caringschool.ru/wp-content/uploads/2024/08/the-pedagogists-performance-in-hospital-classes.pdf>. Acesso em: 23 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, Projeto pedagógico do curso de Pedagogia, Maceió, 2006

UNESCO. **Declaração Mundial de Educação para Todos e Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem**. Conferência Mundial sobre Educação Especial, 1994, Salamanca (Espanha). Genebra: UNESCO, 1994.